

# O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

### PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM AVEIRO: anno (50 n.ºs) 1\$000 rs.; semestre (25 n.ºs) 500 rs.  
 FORA D'AVEIRO: anno (50 n.ºs) 1\$125 rs.; semestre (25 n.ºs) 570 rs.  
 BRAZIL, (moeda forte) e Africa oriental anno... 1\$500

### Publica-se aos Domingos

As assignaturas devem ser pagas adiantadas

### PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Na secção dos annuncios: cada linha 15 rs.  
 No corpo do jornal: cada linha 20 rs.  
 Numero avulso 30 rs.  
 Redacção e administração — rua Direita.

## SUBSCRIÇÃO

Está aberta n'esta redacção a subscrição para a lapide que se ha-de collocar sobre a sepultura do operario e livre pensador Jeronymo Rodrigues Carlos Salgado, enterrado civilmente, no dia 30 de setembro de 1883, na estrada que conduz ao recinto do cemiterio, e a quem as auctoridades de Aveiro negaram sepultura d'entro do cemiterio publico.

Sebastião de Magalhães Lima	4500
Antonio Ponce Leão Barbosa.	2500
José Maria de Mattos.....	1000
Anonymo.....	1000
Francisco Antonio de Moura.	1000
Anonymo.....	2000
Francisco Manuel H. Christo.	2000
Manuel Homem Christo.....	1000
Fernando Homem Christo...	1000
Anonymo.....	500
Manuel Antonio d'Abreu.....	500
Um livre pensador.....	500

Somma... 17\$500

(Continua.)

## AVEIRO

Do nosso presadissimo collega o «Seculo» transcrevemos este artigo brilhante, que diz tudo quanto nós poderíamos dizer:

### INDIGNOS!

Ao sr. Thomaz Ribeiro, ministro do reino foi hontem dirigida a seguinte carta:

Illm.º Exm.º Sr. Thomaz Ribeiro, ministro do reino:  
 Em Aveiro acaba de succeder o seguinte caso:

Jeronymo Salgado, operario, falleceu no domingo, n'aquelle cidade, deixando declaração expressa de que o seu corpo fosse enterrado civilmente. O irmão do fallecido, Antonio Salgado, e o individuo encarregado de cumprir as ultimas disposições do finado, participaram isto mesmo, nos termos da lei, ao sr. administrador substituto, que ha quinze mezes faz as vezes de administrador effectivo do concelho de Aveiro. Esta auctoridade ignorante,

desconhecedora das leis, incapaz de occupar aquelle logar e que mais apta estava para cabo de policia do que para administrador, não duvidou commetter um attentado brutal contra a liberdade de consciencia, uma arbitrariedade revoltante e indigna, que só podia caber em espirito tão mesquinho e em cerebro tão acanhado como o d'elle, ordenando que o cadaver, acompanhado de quatro policiaes, fosse enterrado, ás occultas, atraz da porta do cemiterio, á semelhança do que se faz aos cães vadios.

Em Aveiro, na capital de um districto, violou-se portanto o respeito devido aos mortos e perpetrou-se um crime inaudito de lesa-liberdade. Foi auctor d'este insulto o proprio administrador do concelho, com assentimento do sr. governador civil, um velho respeitavel, mas cachetico, frouxo e pusillanime, incapaz de qualquer medida rasgada e enérgica, o qual se limitou a dizer aos que contra semelhante salvageria protestaram — que, se estivesse em Aveiro tal não haveria consentido.

Em nome da liberdade, em nome da humanidade, em nome da civilização, espero que V. Ex.ª se dignará proceder, como ministro do reino que é de um paiz livre e civilisado.

Tenho a honra de ser, etc.

S. de Magalhães Lima.

Agora os nossos commentarios.

O administrador do concelho de Aveiro não só procedeu ineptamente, mas ainda mais covardemente. Aproveitou a occasião em que o povo de Aveiro estava fóra da cidade, n'uma solemnidade qualquer, á beira mar, e, ÁS OCCULTAS, perdido todo o respeito por um cadaver e com manifesto desprezo das leis e da liberdade, mandou enterrar o morto, ATRAS DA PORTA DO CEMITERIO, ESCOLTADO POR QUATRO CABOS DE POLICIA.

Convém saber que o finado era conhecido pelas suas idéas republicanas e para o socorrer na sua doença tinha o nosso querido collega do Povo de Aveiro aberto uma subscrição nas suas columnas. Foi este, segundo cremos, o principal motor do miseravel attentado.

Este administrador orça por muitos outros que, em ignorancia e imbecilidade, correm parelhas com o que ha de mais supino e selecto no genero. Poderíamos por isso limitar-nos a

ter dó da sua pessoa, se bem que em Lisboa lhe não deixariamos passar impune a feia acção. Não o fazemos, porém, visto como infelizmente, com pesar nosso, temos de lamentar o procedimento não menos criminoso do sr. governador civil, não demittindo immediatamente aquella auctoridade, que abusara indignamente no exercicio das suas funcções, e não mandando, como lhe cumpria, desenterrar o cadaver para satisfação ás leis do paiz, á liberdade e á dignidade humana.

Não temos decididamente esperanças alguma que das regiões officiaes se dêem as providencias, que a gravidade do caso está já pedindo e reclamando. Sabemos quanto essa gente é amiga de jesuitas e de beatas ricas e tituladas; sabemos, como elles estão entervergonhando o paiz pela protecção descarada, concedida ao fanatismo e á credence popular; sabemos que a milagreira virgem de Carnaxide deve certamente merecer mais as atenções do sr. ministro do reino do que este triste caso, succedido com um pobre e honrado operario; sabemos que a ignorancia é a alma das monarchias e que o deixar morrer á fome os professores de instrucção primaria entra já, como moeda corrente na ordem das cousas; sabemos que a resurreição dos estupidos, lenda das virgens milagreiras e a reverencia pela hypocrisia catholica é o meio de mais embrutecer o povo para conservação dos traficantes politicos; mas se tudo isto sabemos, tambem, por outro lado, não ignoramos que o povo de Aveiro, ultrajado pelo indigno procedimento da auctoridade administrativa, ha de saber lavar honradamente o seu protesto, indo em procissão civica ao local, onde foi enterrado o desventurado moço e collocando sobre a sua sepultura uma lapide, onde se leia a seguinte significativa inscripção:

«Aqui jaz um honrado operario a quem, por ser livre pensador, as auctoridades da terra negaram a sepultura dentro do cemiterio. No anno de 1883, sendo governador civil de Aveiro o sr. Mendes Leite e administrador do concelho o sr. Valle Guimarães.»

E assim terá a briosa classe operaria da cidade de Aveiro, e assim terá aquelle generoso povo vingado solemnemente a memoria do seu valente companheiro, enxovalhado pela atre-

vida e insolente ineptia de uma auctoridade insignificantissima!

Magalhães Lima

## JERONYMO SALGADO

Era um operario, e a vida d'um operario resume-se em poucas palavras. A sociedade bestial dos burguezes pô-lo ao nascer no limiar da porta da sua casa abastada e mandou-o trabalhar para ella como um negro.

Não o tratou como filho, tratou-o como bastardo; em lugar de pão deu-lhe pau, em lugar de carinhos mostrou-lhe um azorrague. Sosinho, entregue ao destino, vagou entre a estrada do vicio e a estrada da virtude, entre a estrada da honra e a estrada do crime. Assim como tomou pelas primeiras, poderia muito bem tomar pelas segundas. E de quem seria a culpa? Quem lhe ensinara a virtude civica?

Maldita a sociedade dos burguezes exploradores, d'esses torpes egoistas, que envenenam a alma dos justos, que disvirtuam as melhores intenções, que levam muitas vezes para o caminho do mal quem tinha vontade de trilhar o caminho do bem.

Jeronymo Salgado foi um infeliz. Os homens logo em pequenino lhe cuspiram em cima. No berço ainda, a chamada justiça social, que deveria ser sacratio e é lupanar, cheia de trevas e de ignominias, estampou-lhe na fronte um stygma cruel e covarde. Atou uma grilheta á perna do pae, um desgraçado sem crimes, e mandou-o apodrecer no ultramar. Facto triste, que ainda hoje empana a memoria dos velhos d'esta terra, que sentem, elles que não tiveram culpa, como um remorso tremendo a pegar-lhe na consciencia, quando se lembram da maior infamia conhecida na historia dos tribunaes de Aveiro.

Enterraram-lhe o pae como uma alimaria suja; enterraram-no a elle como cão lazarento. Um ladrão, que se occultava sob a toga do juiz, deixou-o abandonado no mundo; um imbecil, um parvo, um ignorante carola deu-lhe um pontapé no cadaver.

Pobre rapaz! Em volta da sua sepultura não temos lagrimas; temos surdas agitações de vingança. Companheiro infeliz que vivestes e morreste na miseria enquanto a gente engravatada d'Aveiro te insultava e chicoteava,

descança tranquillo. Amanhã iremos á tua sepultura render-te um preito simples de homenagem; alem, no dia sublime da revolução que se aproxima ajustaremos contas com a canalha que te repelliu a ti e nos insulta a nós.

## PROTESTOS

Temos recebido muitas cartas de protesto contra o acto indigno das auctoridades d'Aveiro. Hoje, publicamos as seguintes de quatro dos nossos melhores amigos.

Protesto contra o procedimento da auctoridade, offensivo da liberdade de consciencia e da dignidade humana. Em Aveiro acaba de praticar-se um acto que nos obriga a perguntar, como Cavolotti, se Aveiro fica na Russia?..

Trigueiros de Martel.

Foi violada, da maneira mais audaciosa e torpe, a liberdade de consciencia de um filho do povo. Até aqui nada nos admira: é a ordem do dia nas phalanges dos serventurios da dissoluta monarchia, que é a simulação legal de todas as liberdades.

Não esperamos do governo de El-Rei a justa reparação da offensa feita á memoria do nosso finado confrade, e ao proprio decoro nacional. Tal procedimento empanaria o brilho e abafaria os sons do batuque fetichista, com que os altos poderes do estado, ha pouco, pretenderam confundir os prodigiosos progressos da libertação do pensamento.

A reparação devida á memoria do nosso honrado correligionario, a seu tempo lhe será dada pelo partido republicano.

Hoje limitamo-nos a repellar dignamente a offensa, e a protestar em nome da consciencia, do direito, da justiça, da liberdade e da fraternidade, contra a prepotencia oriental do mameuco, assoldado para garantia das prerogativas regias e da humilhação do povo.

Ernesto Loureiro.

## Golhetim

### A. RANC

#### HISTORIA D'UMA CONSPIRAÇÃO

O sr. Luiz e o abbae gostavam de me fazer fallar como uma péga.  
 Uma tarde, lembro-me bem, voltava eu do parque de Blossac, onde se tinha realisado uma bella revista da guarda nacional, dos bombeiros e das tropas de linha por occasião das festas de julho.  
 Os bombeiros estavam muito garridos com os seus capacetes que reluziam ao sol; os plastrões vermelhos dos dragões encantavam-me; mas nada me parecia tão bonito como a pluma amarella de meu pae, que se balouçava magestosamente por cima do seu shakomarmita porque meu pae era capitão de caçadores da guarda nacional, e n'esse tempo os guardas nacionaes tinham umas verdadeiras marmitas estreitas em baixo e largas em cima:—a forma, final-

mente dos shakos do grande exercito.

Eu estava, portanto, muito orgulhoso por ter um pae de tão alta gradação e possuidor d'uma pluma tão bella. N'essa epoca, demais, não havia nenhuma creança franceza que não fosse entusiasta pelas tropas. Ver um regimento de grande uniforme, e ouvir a musica militar parecia-me a sorte mais bella e mais digna de inveja.

Como eu andasse tambem de grande uniforme, com umas calças novas, procurava fazer-me admirar pelos meus bons amigos.

—Marótol andas hoje muito bonito, disse-me o sr. Rocherenil. D'onde vens tu?  
 —Da revista, respondi-lhe com emphase.

—Ah! sim, disse o abbae, estamos a 29 de julho.

A máni que eu tinha de perguntar tudo levou-me a interroga-los sobre a razão porque se festejava aquelle dia.

—Festeja-se, respondeu-me Rocherenil, em commemoração do dia 29 de julho de 1830, em que foi expulso o rei.

Reflecti um instante. Depois exclamei: —Mas se os francezes expulsaram o rei, para que ha outra revista no primeiro de maio, dia da festa do rei?

Ambos se pizeram a tirar.

—Ouve, abbae, ouve a sensatez das creanças. O brejeiro é esperto...

—Porque, disse alguma asneira?  
 Responderam-me que não, que tinha fallado bem até, e pizeram-se de novo a rir com mais vontade.

N'outro dia, estava eu á janella do gabinete do meu pae, que dava para a praça. Defronte d'ella passou um enterro em direcção ao cemiterio. O caixão ia coberto por um panno ordinario. Os que o transportavam, demonstravam uma pressa excessiva de se verem livres d'aquillo, e atraz, como acompanhamento, viam-se apenas duas pobres mulheres Cahia uma chuya fina e glacial; as mulheres cobriam a cabeça com as capas, e escorregavam a cada passo na lama.

—Que estás tu ahí a vêr? disse-me meu pae que trabalhava assentado á mesa.

—Nada, respondi eu como um pequenito burguez vilão.

Vae ali o enterro d'um homem do povo. Meu pae levantou-se bruscamente.

—Que te ensinou a fallar assim? Quem te ensinou a referir-te com esses modos despreziveis ao enterro d'um homem do povo? Quem és tu, tratante? Porque te posso mandar ao collegio julgas-te, acinha das creanças que só podem ir á escola of-

ficial? Refinadissimo insolente! Não é nada, é o enterro d'um homem do povo! Pois fica sabendo que tambem és do povo; lembra-te bem para que eu não tenha precisão de t'o dizer outra vez!

Não disse palavra e desatei a correr para casa do sr. Rocherenil. Como elle me acareciava, costuava eu contar-lhe as diversas catastrophes e desastres que me acateciam. De ordinario consolava-me e tomava o meu partido. Des a vez, porém, acanteceu o contrario. Assim que acabei a narração fiel da minha infelicidade, o seu rosto illuminou-se e f.z-ma repetir.

—Ah! murmurou, o teu pae disse-te isso. E' um bom homem. Pois então, acrescentou duramente, trata de nunca o esqueceres.

De facto, nunca mais o esqueci.

Entretanto, o coração partia-se-me e derrei-me em lagrimas.

Sem se importarem mais commigo, Rocherenil e o abbae travaram uma longa conversação, onde figuravam a cada passo as palavras Justiça e Igualdade.

IV

Só tina vez, e por minha causa, vi o sr. Luiz Rocherenil encolerisado. Tinha-me

dado uma *Historia de Napoleão I*. Não me recordo se era a do sr. Norvins, se a do sr. Laurent. O que é certo, é que esse livro era um d'aquelles em que a lenda napoleonica floresce em toda a sua falsidade, e que era illustrado com imagens muito ridiculas. Continha toda essas largas mefifrosas, desde o Bonaparte manejando a lamada (de artilleria) e o caçador do cerco de Fontenoy, até Napoleão martirizado por Hudson Lowe.

Lia, por consequente este livro e admirava-lhe sinceramente as gravuras, quando Rocherenil me viu Pegou-lhe, folheou-o alguns minutos e de repente, pallido de cólera, arremessou-o ao chão, fazendo um ruído terrivel. Nunca o tinha visto assim e por isso atemorizei-me a tal ponto que não fui buscar o livro, nem me mechi com medo de o irritar mais. Passeava rapidamente na sala, repetindo a meia voz palavras entrecortadas, sem me prestar attenção.

O barulho atrahiu o abbae Georget.

—Que diabo tens tu? perguntou-lhe em tom pouco sacerdotal.

—O que tenho? lê isto, e vê como nos envenenam a mocidade. E' d'um homem endondecer e perder toda a esperanza. São Napoleão! Napoleão martyri! Verás que fa-

## Meus amigos:

A liberdade acaba de ser ferida em Aveiro. Uma auctoridade insolente e reaccionaria ousou perpetrar, em pleno seculo 19, o mais torpe e abominavel dos crimes. Fazemos nós respeitar a lei, uma vez que os agentes do poder o não fazem. Exija-se de prompto a responsabilidade ao criminoso; processe-se immediatamente o administrador de concelho. É este o nosso dever; é esta a nossa missão; frente a frente dos delegados do fanatismo e da hypocrisia catholica. Guerra de exterminio aos encapitados do jesuitismo; guerra sem treguas nem repouso aos bandoleiros da reacção.

Perante o sr. ministro do Reino já lavrei o competente protesto contra este attentado universal. No jornal—*O Seculo*, folha de maior tiragem do nosso paiz, também verbelei a indigna prepotencia, como pude e como soube.

Sou de opinião de que, além do processo, que lhes cumpre intentar desde já contra a auctoridade, que prevaricou, devem ir também em procissão civica ao local, onde se acha enterrado o desventurado moço, afim de collocar sobre a sua sepultura uma lapide commemerativa d'este extraordinario acontecimento. Para isso concorrerei pecuniariamente com o que os meus amigos entenderem. Fico em tudo e por tudo á sua disposição. Se estivera em Aveiro pessoalmente me encarregaria de desaffrontar a memoria do finado. Mas nem o sr. administrador nem o sr. governador civil hão de perder com a minha ausencia, podem crer.

Creiam-me etc.

Lisboa 5, 10, 83.

S. de Magalhães Lima.

\* \*

Meus queridos amigos.

Soube com uma vivissima indignação dos tristes acontecimentos d'Aveiro.

As auctoridades monarchicas d'essa terra praticaram um d'aquelles attentados que nunca se esquecem. O sr. governador civil e o sr. administrador do concelho esqueceram a propria dignidade, para insultarem o cadaver d'um infeliz operario e faltarem redondamente á lei.

A lei pode admitir o muro nos cemiterios; mas o que não admite é o enterramento d'alguem no primeiro canto apropriado que se encontra, fora dos recintos murados destinados aos mortos.

A alamêda, onde Jeronymo Salgado foi sepultado, não está de forma alguma comprehendida nos recintos de que fallo.

É um local onde se accumulam materiaes, e basta. Isso só é o sufficiente para a lei o não aceitar como parte de cemiterio. Toda a gente sabe que este é cercado, mesmo dentro da alamêda, por um grande muro que lhe marca os extremos; ninguém ignora ainda que a alamêda em questão nunca foi considerada como fazendo parte do que propriamente se chama cemiterio.

As auctoridades locais, d'accordo com o presidente da camara, podem estabelecer um muro de separação en-

tre catholicos e não catholicos; porem onde elle não existe, por desleixo, por espirito liberal, ou seja porque for, não podem por forma alguma deixar de enterrar toda a gente no interior dos cemiterios.

Pertanto o sr. administrador do concelho praticou uma feia acção, que não devia passar sem um correctivo severo por parte dos seus superiores.

Eu protesto contra ella com toda a energia das minhas convicções liberaes e se por acaso estivesse n'essa terra, apesar de amar o socego, não deixaria de dizer cara a cara ao sr. Valle Guimarães que o seu procedimento era indigno e revoltante.

Acredite-me etc.

F. C.

## A ultima hora

Acabamos de receber o seguinte telegramma:

Povo de Aveiro.

Magalhães Lima escreveu segunda carta ao ministro do reino, exigindo a demissão do administrador. Imprensa liberal reclama toda.

## Revoltante attentado

O nosso presado collega *O Seculo* relatava hontem uma inaudita violencia perpetrada pelas auctoridades administrativas d'Aveiro, que exerceram uma vindicta affrontosa sobre o cadaver de um operario brioso, ordenando que, como livre pensador, fosse enterrado a occultas em recinto alheio ao cimiterio.

O corpo do pobre, mas honrado trabalhador, foi vil e infamemente transportado para detraz da porta do cemiterio, como qualquer monte de esterco, escoltado por quatro cabos de policia, o que representa um attentado á liberdade de consciencia para com os mortos; o attentado foi commettido a occultas, procurando-se subtrahir-o ao conhecimento publico, o que representa uma covardia e uma confissão tacita da illegalidade praticada.

O nosso amigo Magalhães Lima reclamou immediatas providencias do sr. ministro do reino, para que sejam severamente punidos os funcionarios administrativos d'Aveiro, que tão insensatamente procederam.

Não sabemos qual será a resolução do sr. Thomaz Ribeiro acerca d'esta tão grave questão.

Todavia affigura-se-nos que não será no momento em que o sr. Thomaz Ribeiro se converte em empreiteiro de especulações milagreiras, que a sua auctoridade se achará mais robustecida para reagir contra os abusos dos seus subordinados, em materia de liberdade religiosa.

Nós cá ficamos de atalaia, para ajustar contas com o ministro beato de Carnaxide.

(A Era Nova.)

## BAIRRADA

Fizeram-se as vindimas em toda a Bairrada. A colheita foi mais escassa do que se contava. A maior parte dos

lavradores teve dois terços de menos de vinho do que no anno passado. Os que tiveram metade, dão-se por muito satisfeitos, e são os felizes do anno. Em compensação, o vinho é de excellente qualidade, principalmente o que foi colhido enxuto. As uvas tinham atingido o seu periodo de completa maturação, e os mostos accusaram geralmente uma notavel percentagem de assucar. Além d'isto tem muita cor, o que lhes faltava o anno passado.

Não se effectuaram ainda transacções de importancia, e o pouco vinho vendido ao balseiro tem sido pago a 800 e 900 reis o almude da localidade, ou sejam aproximadamente 19 litros.

Vae grande desanimo entre os lavradores. A Bairrada teve ha uns poucos de annos seguidos boas colheitas de vinho; este anno a escacez tocou a todos, e todos estranham a differença.

Quando isto succedeu com a fortuita diminuição d'uma colheita, o que será se a phylloxera continuar a sua obra destruidora nos vinhedos d'aquella localidade! E todavia nem toda a gente na Bairrada se convenceu da crise que lhe bate á porta, quando não já ali estariam organizados elementos de defesa contra o inimigo ha pouco descoberto.

Quando acordará a Bairrada? Quando levará a cabo a commissão districtal o seu compromisso da convocação dos viticultores da Bairrada para a projectada associação?

Estamos esperando, e, se desesperarmos, não se queiem os senhores da commissão de ouvirem meia duzia de verdades amargas.

## NAPOLEÃO O PEQUENO

(Continuação do n.º antecedente)

O salteador corado, que a Europa não teve duvida em reconhecer como legitimo imperador dos francezes, casou pouco depois da sua traição com a condessa de Febr, que mais tarde se chamou imperatriz Eugenia. A historia conta-nos tambem a manei- ra como este famoso Cartouche de luva branca se desembaraçou do namorado, da que então era sua mulher. — Um processo muito usado e commum entre a gente da alta cathogoria... Mandou-o assassinar por dois sicarios, exactamente como em outros tempos a Republica de Veneza mandava praticar nos seus estados pelo punhal dos seus Bravi.

Mas prosigamos na autopsia do vultu politico e deixamos por agora de historiar o que eram as Tulherias, especie de alcove de alto-corbano, porque temos um simulacro d'isso, no nosso paiz, debaixo do protectorado de Fontes, agosto, o indispensavel paladino da monarchia dos Braganças.

A politica adoptada por Luiz Bonaparte, longe de augmentar as sympathias dos povos neo-latinos pela generosa França, antes ao contrario, lhes diminuiu a estremo.

Em 1837 nós fomos victimas das quixotescas prosapias d'este atrevido bandoleiro a proposito da celebre questão *Charles et George*.

Sabem-no todos que as auctoridades portuguezas tinham aprisionado com todo o direito esta barca por se

entregar ao nefando trafico da escravatura.

Pois sem embargo d'isto, a estulta vaidade d'este potentado de força exigiu que lhe entregassemos o que fizemos perante a força e diante d'uma esquadra que levou a barca triumphante.

A celeberrima intervenção d'elle nos negocios internos do Mexico, custou tambem a vida ao desgraçado Maximiliano.

A proposito do Mexico não querer cumprir com os seus deveres de nação honesta para com os possuidores dos seus titulos de divida publica, combinaram-se a França, a Italia e a Inglaterra, em intervir directamente nos negocios d'aquella Republica; a Italia e a Inglaterra retiraram de prompto as suas esquadras assim que obtiveram de prompto a satisfacção exigida; não succedeu o mesmo com os francezes que ficaram afim de estabelecerem no Mexico outra forma de governo nada menos de que o Imperio, e que era geralmente odiada pela maioria dos cidadãos d'aquelle paiz, costumados, desde muito tempo, a governarem-se por instituições livres. O mallogro d'esta tentativa deu em resultado a morte de Maximiliano e a loucura da esposa do desventurado principe!

A imprudencia d'este homem fez com que elle pensasse tambem em querer involver-se nos negocios da Republica dos Estados-Unidos, pensando em reconhecer os Estados do Sul, então em lucta com os Estados do Norte, lucta suscitada por causa do trafico da escravatura. Esta tentativa não encontrou partidarios, e o homem do 2 de dezembro teve de desistir dos seus negregados planos.

A sua administração no interior foi tambem desgraçada e por causa das suas loucas pertencções a França pagou bem caras as fanfarronadas do sobrinho do thio.

A perda de duas das suas mais importantes provincias, a Alsacia e a Lorena, e a enorme contribuição de guerra que foi obrigada a pagar, remiu-a bem dos crimes do seu segundo imperio!

Este homem odioso, alliado com esse genio do mal chamado Ronger, que era tambem o seu braço direito, commetteu durante os 18 annos que durou o seu governo de força e de terror, as mais infames e indignas propotencias de que ha memoria.

O seu reinado é perenne de falsas conspirações, e de regicidios inventados *ad hoc*, que serviam unicamente de pretexto para os pretorianos do Imperio darem caça aos homens de ideias radicaes, e para assim o poltrão que entregou a espada covardemente em Sédan, poder assegurar á Europa, que o Imperio era a paz!

Hoje, felizmente, a França entregue aos seus proprios destinos, rica e feliz, regendo-se por instituições liberrimas recorda-se com horror dos dezoito annos que permaneceu debaixo d'esse jugo immoral, e bem diz o dia em que proclamou a sua emancipação e alcançou a sua carta de alforria.

Maldita é esta praga de reis de direito divino ou da revolução; em toda a parte onde elles imperam os povos vivem na miseria, amarrados ao poste da ignorancia que é tambem o da sua escravidão!

Esboçando a largos traços, o que foi o heroe do *dois de dezembro*, só ti-

vemos em vista mostrar aos nossos leitores que o povo francez, por principio algum, jamais quererá deixar-se dominar por os homens, que pensando na restauração do Imperio, tramariam novamente perigosas aventuras.

A republica, essa aspiração nobre e santa dos povos, ainda hoje, escravos dos testas coroados, tem hoje já tão fundas raizes n'aquelle tão generoso e uberrimo solo, que os sectarios do velho regimen batidos todas as vezes que consultam o sufragio universal, d'entre em poucos annos, os seus partidos apenas figurarão como ridiculas velharias, que nem mesmo o respeito merecerão, porque o seu passado impuro e escandaloso nem mesmo lhes dá direito a essa veneração.

Elpidio Pereira

## CARTAS

Lisboa 5 de outubro

O caso inaudito, que acaba de se dar n'essa cidade com o enterramento d'um pobre operario, e a que o nosso collega do *Seculo* se referiu n'um artigo brilhante escripto pelo sr. Magalhães Lima, impressionou vivamente a opinião liberal de Lisboa. Aqui, nada impressiona tanto esta população generosa, cheia d'aspirações e crenças democraticas, como as questões de liberdade de consciencia. O povo de Lisboa encara com tristesa a marcha que deu a monarchia aos negocios publicos e lança-se nos braços dos republicanos, que considera os unicos homens capazes de salvarem isto. Mas, muitas vezes, noto-lhe uma indolencia condemnavel.

Porem, se-lhe atacam a liberdade de consciencia irrita-se como um leão ferido.

Eu lembro-me bem do que succedeu no tempo do famoso marquez de Avila. Esse reaccionario dos quatro costados entendeu que devia enterrar catholicamente todos os individuos que desejavam ser enterrados civilmente.

Comtudo, apesar da força que lhe dava o elemento official, nem sempre pôde levar a sua ávanie e mais d'uma vez teve de recuar deante de manifestações imponentes do povo. Houve occasiões em que se disputaram vergonhosamente, para o governo, os cadaveres na rua.

A policia que os guardava chegou a ser atacada. Emfim, a corrente da opinião publica era tão grande que se pode dizer sem medo d'errar que foi a questão dos enterros civis e a dos conegos, levantadas habilmente na camara pelo sr. Dias Ferreira, que deram n'esse anno com o ministerio Avila em terra.

Assisti a essas sessões parlamentares e nunca achei o sr. Dias Ferreira, de quem não gosto nada, tão eluquente como nos magnificos discursos que n'ellas pronunciou contra o governo da padralhada. Os ataques da opposição coincidiram quasi todos n'esse ponto e tão fraco era elle, que o ministerio viu-se obrigado a pedir a demissão.

rão d'elle um Deus, esses liberaes imbecis, esses poetas estupidos, Réranger, Hugo e outros.

Rocherenil continuou com a mesma linguagem sem parar, durante um bom quarto de hora, dizendo uma immensidade de cousas que eu não podia ainda comprehender, mas por onde via perfeitamente que detestava furiosamente Napoleão. O abbae estava muito mais socegado.

—Socega, repeta elle docemente: o que queres tu. Em França tudo se esquece depressa. Esse patife mafou-nos o nosso ultimo homem e comeu-nos o nosso ultimo escudo. Quem se lembra d'isso? Ninguém. Ganhou batalhas e é quanto basta. Os homens são assim. Não ha razão para te encolerisares. Ri-te antes. Na tua idade, chegara a essas exaltações!

Porem Rocherenil não ria. Pelo contrario, continuava com as suas invectivas. Approximei-me então d'elle, e perguntei-lhe timidamente:

—O que vos fez Napoleão? Esta simples pergunta produziu mais effeito que todas as admocções do abbae.

Rocherenil deteve-se rapido e exclamou, pondo-me a mão na cabeça:

—Dir-te-hei o que me fez, pobre creança, quando estiveres em idade de me entende-

res. Entretanto se queres ser galante não lias mais esse livro que te deram. Eu dou-te outro melhor e mais honesto.

Rocherenil não fallou á sua palavra. Emprestando-me livros melhores que a *Historia de Napoleão I*. Depois, á medida que eu crescia e que as suas palavras podiam fructificar no meu espirito, explicava-me o que tinha feito o illustre imperador, o que a França lhe devia. Peça por peça, dia a dia, demolia a lenda em que eu acreditava e contava-me a historia verdadeira do primeiro imperio.

Havia dois pontos sobre que insistia incessantemente. Quando se dizia na sua presenca ou se lia que Napoleão fora a revolução organizada e que lhe tinha propagado os principios por toda a Europa, perdia a cabeça. Mostrava-me então Napoleão destruindo por toda a parte onde chegava a obra da Convenção, restabelecendo o antigo regimen, entregando a França ao clero, destruindo no exercito os costumes republicanos, reconstruindo a aristocracia e a nobreza, emfim, não deixando em pé do edificio revolucionario senão o que não podia deitar abaixo. Citava-me a phrase d'Angereau, no dia em que se celebrava em Notre-Dame o restabelecimento do culto catholico. Bonaparte perguntou-lhe como achava a cerimonia; —Muito bonita, res-

poude Angereau, só lhe falta o milhão d'homens que se deixou matar para destruir o que nós restabelecemos. E o general Delmas acrescentou: —Sim, uma bella patuscada de padraes. Só falta deitarem-nos rozarias ao pescoco.

Quando Rocherenil me contava estas cousas, o abbae Georget sorria-se:

—Sim, sim, dizia elle, Angereau fallava bem, mas no fim de tudo era soldado. E livra-te sempre, meu rapaz, do padre, do soldado e do juiz.

—Mas o sr. tambem é padre.

—Sim, até vou ler e breviario.

O breviario do abbae, era ordinariamente *Candide* ou um volume de Holbach. O segundo ponto da lenda napoleonica, que irritava muito Rocherenil, era o martyrio de Santa Helena.

Sobre isso era inextinguivel em ironias e sarcasmos. Até sustentava a thesa paradoxal de que Hudson Lowe fora o verdadeiro martyrio e Napoleão o perseguidor. (1)

Em seguida, fallando mais seriamente, desenvolvia o rol das victimas do primeiro imperio, sem fallar de tres milhões de homens sacrificados nas guerras.

A tyrania silenciosa, o despotismo cauteloso, a policia senhora absoluta da vida e liberdade dos cidadãos, os sobreviventes da

edea revolucionaria perseguidos por odio implacavel, os homens honestos postos fora do exercito, as cohortes republicanas enviadas de proposito para San Domingos onde a morte as ceifava completamente, os patriotas deportados para as ilhas Sechelles onde não escapava um, Moreau exilado, Pichegru estrangulado na prisão, as cartas de prego restabelecidas, as prisões atulhadas, a planície de Grenelle inundada de nobilissimo sangue: —eis os traços principaes d'esse quadro sinistro, de que dão tão pequena edea as chronicas officiaes.

—Sendo assim, dizia eu a Rocherenil e ao abbae Georget, porque é que Bonaparte não encontrou resistencia? Porque é que não descobriu em parte alguma os signaes d'uma forte opposição ao imperio?

—Não encontrou resistencial respondia amargamente Rocherenil. Ouves, abbae? Fomos vencidos e nem sequer se sabe que lutamos.

Então esses dois homens contaram-me a historia das conspirações republicanas no tempo do Consulado e do Imperio, desde a conspiração d'Arena até ao maravilhoso golpe de mão do general Malet e á ultima tentativa em que ambos se envolveram, aquella que constituirá o assumpto d'esta historia. Explicaram-me a organização das sociedades

secretas de que resultou a Carbonaria. Mostraram-me os Philadelphos e os irmãos azues estendendo as suas ramificações até aos gabinetes dos ministros, até ás tendas dos marechales. Referiram-me as suas illusões, os desastres que lhas destruíram e a morte dos seus companheiros. Confiraram-me, emfim, quando a minha idade lhes inspirou confiança, um grande numero de cartas e de relatorios de policia relativos ao negocio.

—Examina esses papeis, disse-me o abbae, aproveita-te d'elles, e lembra-te, é a ultima recommendação d'um pobre velho que vae morrer, de que não deves responder aos interrogatorios no caso de seres preso.

—Porque, eu hei de ser preso?

—A todos acontece isso, replicou-me sorrindo-se docemente.

(1) Encolho os hombros quando me fallam na triste sorte do Bonaparte em Santa Helena, que tinha ali á sua disposição oito creados, quatro corceiros, dose mil quinhões por anno (44.000,000 reis,) dez cavallos etc.

(Continua.)

Já agora citarei também as sessões memoráveis da camara municipal, a que assistiu igualmente, onde se tratou a celebre questão do muro dos cemiterios. Ahi, o publico chegou um dia a ir aos ultimos extremos. Quebrou cadeiras, gritou, assobiou e apupou com furia os partidarios do muro. Os animos irritaram-se a ponto de ser impossivel realizar outra qualquer sessão publica sobre o mesmo assumpto.

Em vista d'isso, o municipio entendeu que era melhor cortar a questão pela raiz, permitindo nos cemiterios o enterramento indistincto de livres pensadores e catholicos. E' o que se faz actualmente, sem protestos de ninguém, porque ninguém se acha com direito de protestar. De facto seria risivel que o beaterio, não tivesse repugnancia em viver commosco por toda a parte, nas ruas, nas salas, nos cafés, nos theatros, em doce convívio muitas vezes, e a tivesse em estar estendido ao nosso lado na unica terra da egualdade perfeita, no unico local onde não ha distincções absolutamente nenhuma, nos cemiterios. Nem aqui portanto, nem nos paizes liberaes da Europa existe essa fardada torpe dos muros nos cemiterios.

Em vista do que fica dito podereis calcular a má impressão que o caso de Aveiro, revelado a todas pela grande tiragem do *Seculo*, produziu em Lisboa. Referem-se a elle muitos dos outros jornaes e todos acham razão ás phrases duras com que o *Seculo* o aprecia.

De modo que o sr. Valle Guimarães; esse individuo que vós admira e que é algum ente obscuro, a apreciar-se pelo que praticou, conseguiu uma cousa que talvez nunca esperasse conseguir: — ser conhecido em Lisboa.

Mas, coitado, eu não lhe invejo a reputação, reputação pouco honrosa de carola imbecil. Nem sequer lhe dão glorias de tyrannete. Chamam-lhe tolo. E he! dizendo que o sr. Mendes Leite não é mais bem tratado.

Fizeram uma obra notavel. Que limpem a mão á parede.

— Continua a pasmaceira do costume. Não ha novidades algumas.

— Falla-se em recomposições ministeriaes.

— Aproxima-se a abertura das côrtes e com ellas algum acontecimento importante.

Esperemos e fallaremos.

Y

#### Porto 4.

Em cumprimento da promessa feita na passada correspondencia, e tendo de continuar hoje a relacionar os objectos expostos no certamen de ourivesaria, passo a occupar-me da celebre custodia de Belem.

A respeito d'esta peça já eu disse que teria de distanciar-me dos que a apresentam como o *non plus ultra* da ourivesaria portugueza.

O conjunto da custodia, é agradável á vista, não ha duvida, se discernimos porém, a analysar detidamente esta obra nas suas especialidades, achamos apenas de notavel a paciencia de quem a executou, demonstrada na enorme quantidade de peças pequeninas ali collocadas com mais ou menos arte.

A respeito de perfeição de trabalho, comparativamente com o que hoje se executa, não apparece nenhuma na já tão decantada custodia. Avança mesmo, sem receio de que ninguém me desmintá, que a obra está mal executada e mal acabada. Abundam n'ella grandes imperfeições e nem o proprio bom gosto do estylo consegue esconder-as a quem, como nós, sabe o que está a vêr.

As figuras dos doze apóstolos que circundam a parte inferior ao chamado *camarim* da custodia, figuras que são por ahi dadas como modelos de perfeição, são uns mônos (desculpemos a heresia) disformes sem arte nem gosto. O seraphim da chamada *luneta*, onde é collocada a particula, está detestavelmente cinzelado e envergonharia hoje o mais pifio lavrante.

Finalmente, o pé, a base, o camarim, toda a peça não merece a menor parte dos elogios que ahi se lhe tem feito.

Bem sabemos que a arte ao tempo da execução da custodia não tinha

o grau de perfeição a que actualmente se acha elevada, mas o que sabemos é que um calix da Misericordia do Porto, (que se acha também na exposição) que deve ser coevo da famigerada custodia, pois que se acha trabalhado no mesmo estylo, está muito mais perfeito e no entanto nunca os prêlos gemeram a elogiar-o.

Ou será porque a custodia pertence hoje, (sem saber bem por que bulas) ao chefe do estado, que tantos elogios se lhe tecem?

As vezes ha coisas!...

Occupemo-nos agora da collecção de salvas modernas que nos apresenta a exposição.

Figura em primeiro lugar uma salva de tamanho regular, executada pelo acreditado cinzelador portuense José Pereira Leite. Notavel e delicadissimo trabalho que revela no seu auctor, um apurado gosto artistico e uma primorosa correcção de fórma. Os ornatos que embelezam esta salva parecem executados d'um só jacto, tal é a egualdade do trabalho, a perfeição e delicadeza das mais insignificantes particularidades.

Executada pelo mesmo artista, ve-se outra salva mais pequena, onde se admira a mesma perfeição, embora o gosto do desenho escolhido não seja tão feliz como o da outra.

Em segundo lugar, temos a mencionar uma salva cinzelada pelo sr. Augusto Santa Barba.

E' um esplendido trabalho. Execução perfectissima. Correcção admiravel. É uma das mais formosas peças do certamen de ourivesaria.

Seguidamente a esta, cabe o lugar d'honra a salva cinzelada pelo sr. Augusto Cezar da Trindade Machado, a que já tivemos occasião de nos referir.

E' delicadissimo o trabalho do fundo d'esta salva. Trabalhada em cinzeluras a meio relevo, esta peça encanta pela boa distribuição do desenho e aprimorada execução. O trabalho do fundo d'esta salva é um *tour de force* como dizem os francezes.

Ha depois uma salva do sr. Pereira Bitetes que nos colloca na dura necessidade de desconfiar que... não é cinzelada por elle. Ou não foi elle que fez a salva ou não foi elle que fez a banquetta de Mathosinhos. Das duas uma. Aquellas duas obras collocadas em frente uma da outra, fazem uma differença como a agua do vinho.

As *más linguas*, dizem, porém, que na salva do sr. Bitetes, andou *deda* de Pereira Leite.

A verdade hade saber-se.

O sr. Manoel Rodrigues Teixeira apresenta também uma salva cinzelada por elle. Não está má, mas em todo o caso não é obra que espante.

Figura em ultimo lugar uma salva cinzelada pelo sr. Celestino Dias, de Lisboa, em que este artista se nos mostra demasiadamente infeliz. Nem bom gosto, nem boa execução.

No genero de *quilloché*, apresenta o artista francez Mr. Achile Fauchet, uma bellissima salva ornada de esplendido gravados. Não nos parece porém que seja ali o seu lugar, visto que a exposição é de ourivesaria nacional.

O sr. Guilherme Soares Porto, apresenta, entre outras obras de que nós havemos de occupar, uns delicados centros de meza muito bem delineados e soffrivelmente executados.

Desde a nossa ultima visita á exposição tem esta sido enriquecida com mais algumas peças que iremos ver para depois apresentar-mos as nossas impressões. Entre estas peças conta-se a celebre *facca de matto*, cinzelada pelo sr. Raphael Zacharias, de Lisboa.

Contam-nos maravilhas d'esta obra. Veremos.

E, por hoje, ficaremos por aqui.

Alberto Bessa.

Passamos a transcrever a declaração do operario e livre pensador, Jeronymo Rodrigues Salgado, a quem o imbecil, inepto, e treloucado administrador substituto d'este concelho, Francisco Antonio do Valle Guimarães negou sepultura dentro do cemiterio publico d'esta cidade:

Declaro para todos os effeitos, na presença das testemunhas Fernando

Christo e Roque de Mattos, ambos de maior idade, cazados, residentes em Aveiro, que prescindindo pela minha morte das solemnidades dos catholicos nos enterramentos, sendo minha expressa vontade que o meu cadaver seja civilmente dado á sepultura, nomeando para fazer cumprir estas minhas ultimas determinações o cidadão Antonio Ponce Leão Barboza, solteiro, de maior idade, natural de Aveiro. E por ser esta a minha vontade e conforme a lei, espero se cumpra o que deixo declarado e que vai por mim escripto e assignado, bem como pelas testemunhas presentes.

Aveiro 7 de setembro 1883

Jeronymo Rodrigues Carlos Salgado  
Fernando Christo  
Roque de Mattos  
(Segue-se o reconhecimento.)

Estiveram n'esta cidade, os nossos amigos e correligionarios de Lisboa, os srs. José Maria de Mattos e Arthur Polycarpo d'Almeida.

Os nossos amigos dirigiram-se para a Costa Nova do Prado aonde vão estar algum tempo, para fazerem uso dos banhos do mar.

A'vante pela Republica!

Os nossos correligionarios Coelho da Silva, José Pedro Marques e Antonio da Silva, acañam de organizar no Poço do Bispo um centro republicano, que tomou o titulo de *17 de setembro*.

Felicitemos os iniciadores de tão util instituição, e desejamos todas as prosperidades para o novo centro.

Para os nossos estimaveis leitores, poderem avaliar o motivo que levou a camara municipal de Ovar a negar o extracto das suas sessões ao nosso collega *Ovarense*, passamos a transcrever a certidão que foi pedida por aquelle nosso collega:

«O Bacharel Eduardo Augusto Chaves, escrivão da Camara municipal de Ovar:

Certifico em cumprimento do despacho supra, que a resolução da camara que se pede é do teor seguinte:—Disse ainda o Presidente que a Camara sabe qual a resolução que tomou em sua sessão de vinte e sete de julho ultimo, sobre dar-se extractos das suas sessões n'um jornal, que se denomina o «Ovarense», e qual a opinião d'elle Presidente sobre a maior publicidade possivel a respeito dos actos da camara a que preside. Consta-lhe, porém que no ultimo numero d'este jornal se apreciava falsa, e dolosamente um acto d'esta camara, e que não achava regular que se fizesse isto no proprio jornal em que se publicava o extracto das sessões da camara; que entendia que se devia deixar ao mesmo jornal a apreciação dos actos d'esta camara, conforme lhe approvasses, deixando-o socorrer-se das informações que quizer e que a lei lhe facultava, para que elle mais livremente o possa fazer, e que por dignidade d'esta corporação devia deixar de dar-se aquellos extractos. Resolvendo a camara que se deixassem de dar aquelles extractos.—Manoel Aralla—Costa—Baldaia—Zagalho—Leite.

Nada mais continha a dita sessão que fielmente, etc., etc.

Segue a assignatura do escrivão»

Em vista de tão disparatada resolução, achamos justissimo o procedimento do nosso collega em verberar fortemente a camara de Ovar.

O acto illegal que ella commetteu, é só proprio dos homens que fazem parte de tão zelosa corporação.

Chegue-lhe collega, que nós o ajudaremos a defender a causa da justiça e a zurrir a ineptia dos funcionarios publicos que não sabem cumprir com os seus deveres.

Dizem de Braga, a catholica:

«O guarda civil n.º 54 conduziu nos... braços para a esquadra uma creancinha recém-nascida, do sexo masculino, que encontrou de noite abandonada; e o guarda n.º 3 conduziu outra, do sexo feminino, que foi en-

geitada no corredor d'uma casa da rua do Anjo, n.º 37.

Ambos os engeitados foram levados da... esquadra policial para o hospicio.

Já não faremos commentarios: limitamo-nos a dizer que n'este andar a cidade dos padres, das beatas, dos terços e das perigrinações levará a palma á terra mais desmoralizada do paiz.»

No juizo de Castello Branco, foi apresentada a querella dada contra o governador civil e administrador d'aquelle districto e concelho, pela prisão arbitraria de Antonio de Mattos, empregado commercial da firma Martinho da Silva Ribeiro & Filhos.

Foi dada a querella por abuso de auctoridade, em conformidade com o artigo 291.º do codigo penal.

Assim, assim é que é legal. Querrellem da auctoridade que abusa, porque não fazem mais do que o seu dever.

Na provincia de Malaga celebrou-se ultimamente um casamento em cujo contracto matrimonial havia as seguintes condições:

O marido obriga-se a ensinar á esposa a ler, escrever e contar, elementos de mathematica e estetica.

A esposa em troca leva ao marido um esplendido dote.

Um machinista de Dresde inventou uma cama que, como os relogios despertadores, accorda uma pessoa na occasião que se deseja.

Chegada a hora precisa, o quarto fica inundado de luz e sente-se um barulho enorme produzido por um toque de campainhas.

Se cinco minutos depois o dorminhoco ainda estiver deitado uma contracção da camara atira-o, fora. Certo cavalheiro quiz experimentar uma cama d'estas. Pôs o registo na hora a que queria acordar e deitou-se. A hora marcada um barulho infernal despertou-o. Ficou ainda na cama, mas cinco minutos depois sentiu-se emplastrado contra a parede por um empuxão automatico da cama.

Dizem de S. Francisco da California que em uma explosão de polvora d'aquella cidade morreram horrivelmente mutilados mais de quarenta chinezes.

Um cura dos arredores de Serpiliere, fiel executor das maximas de Christo, ama as creanças e chama-as a si.

Ha dois annos que elle abraçava muito umas creanças muito lindas até que uma d'ellas deu com a lingua nos dentes e contou tudo á mãe. Um mandado de prisão foi dado contra este clerigo, que já contava no rol mais de trinta creanças.

N'uma herdade da villa da Chamusca, dois caçadores que dormiam á sombra, foram despertados subitamente pelo estrobo de um tiro. Uma das espingardas, ao que parece, tocada por algum cão, disparou-se e a carga foi toda cravar-se na coxa de um dos caçadores, por nome José Nunes, mas tão obliquamente que se internou sem a atravessar. Apesar dos esforços medicos, o infeliz morreu no dia seguinte.

Dizem da Coruña que na quinta feira da semana passada o mar tomou a côr do leite, n'uma extensão de 50 metros.

Viam-se sobrenadar muitos peixes vivos, mas estonteados, que eram facilmente apanhados á mão. Marinheiros e pessoas que vivem ha 50 annos n'aquella porto nunca viram tal; nem se sequer sabem dar explicação do phenomeno.

Ultimamente, em Manique, uns sete ou oito homens por altas horas da noite foram bater á porta da quinta da sr.ª marquezã das Minas.

O caseiro appareceu e um dos homens disse ser portador d'uma carta para entregar á fidalga. O caseiro disse que aquellas horas não podia receber cartas. Ouviu-se então uma voz detraz do portão aconselhando o assassinato. O velho ia sendo morto por uma estocada que lhe atiraram; mas livrou-se, tocando immediatamente a sineta da quinta e disparando alguns tiros sobre os criminosos.

Dizem-nos de Setubal:

«Hontem, 1 do corrente, sahio d'aqui pela manhã um jesuita, não se sabe com que destino. A tarde regressou á cidade acompanhado com tres rapazes, que foram mettidos no covil, onde vão ser iniciados nas doutrinas da seita! Ninguém me soube dizer que rapazes são esses e de onde vieram. Mysterio.

Já lhe tenho dito quanto aqui vão prosperando os jesuitas, que nos vassalam tudo e em tudo dominam, graças á protecção e connivencia das auctoridades. Pois ninguém pense que exagero. E' vir aqui e ouvir as pessoas que se acham a banhos, espantadas de encontrar n'esta terra portugueza e proxima da capital um tão vasto poder jesuitico! Todos ficam abysmados, mas os governos do rei acham optimo e tratam de arranjar mais infâmia!»

Passam-se no mundo taes coisas que se só fossem contadas pessoalmente seriam inacreditaveis e afinal á força de se repetirem, dia a dia já não chegam a espantar.

Eis um caso dos muitos que ha por esse mundo.

Uma menina professora em um collegio perto da residencia de seu pae na cidade de A... costumava de tempos a tempos ir passar um e dois dias com a familia.

No dia destinado para o pae a ir buscar recebeu-se uma carta em que ella dizia ao pae que se não incommodasse, porque desejava ir passar 15 dias em casa de uma amiga.

Surprehendido com tal caso, o velhote vestiu-se, foi ao collegio e ali disseram-lhe que a filha saira de trem, vestida de habito religioso e seguira em direcção a P...

Cada vez mais inquieto, encaminhou-se a esta cidade e foi bater á porta das *irmãs da caridade*, aonde lhe affirmaram que a filha tinha passado a noite.

Ainda bem o pobre homem não tinha acabado de dizer tres ou quatro palavras, as manas interromperam-o, dizendo que ignoravam o que elle dizia e fecharam-lhe a porta na cara.

Correu a cidade indagando de todos, até que novamente lhe disseram que a linda fugitiva, vestida de irmã de caridade, tinha seguido de trem para V...

Poz o velho azas nos pés e parecia que tinha voltado aos seus quinze annos, chegou em pouco tempo á referida cidade, indo bater á portaria das freiras. Ali trataram-o da mesma forma, fechando-lhe a porta sem quereirem saber o que o homem pretendia.

—Nós não vimos a vossa filha, e os que dizem que a viram para aqui entrar mentem descaradamente. Ide com a graça do Senhor, não tendes nada que procurar.

Convencido cada vez mais que a sua filha a quem tanto estimava estava lá dentro, informado por muita gente que a tinham visto entrar, dirigiu-se ao maire para com a sua auctoridade poder obter entrada n'aquella casa.

Dirigiram-se ambos para lá e interrogadas as freiras pertenderam primeiramente negar que a tivessem em seu poder, mas como a auctoridade teimava e fazia perguntas umas sobre outras e encontrava as freiras em contradicção, vendo que o unico meio de ficarem descansadas era dizerem a verdade, declararam que a menina effectivamente tinha procurado aquelle asylo para se abrigar das tempestades do mundo.

O pae pegou pelo braço da filha mas quatro alentados padalhões saíram de um corredor, saltaram so-

bre o pobre velho e levaram-no em charrela até á porta da rua, depois de lhe darem uma grande sova. A menina foi outra vez para dentro.

Ainda não é tudo. Enquanto se discutia o caso da filha no convento de V... uma congreganista tinha ido a A. não só insultar a mãe da menina raptada, mas apertou-lhe com tanta gana o pescoço que deixou marcados os signaes arroxeados dos dedos, que se conservaram por muitos dias.

O paç desancado, a mãe quasi assassinada, a filha raptada á familia, eis o que as manas andam a fazer pelo mundo.

Foi aberta uma inquerição importante sobre estes casos gravissimos.

A mesa da irmandade de Nossa Senhora dos Remedios de Lamego requereu ao papa dispensa de carne para osromeiros que fossem ao santuario, na vespera e no dia da festividade, embora cahisse em sexta-feira ou sabado.

O papa dignou-se conceder. Ora, realmente!

E' extraordinario o empenho que, ha certo tempo a esta parte, o beaterio mostra, em nos fazer rir. Até desconfiamos já de que nos quizesse matar, servindo-se d'um novo supplicio que esqueceu á inquisição:—fazendonos rebentar pelas ilhargas.

Se é essa a idéa do beaterio, consigne o seu fim; morreremos como a Maria Aita—a rir!

Recebemos os n.ºs 40 e 41 da util publicação de propaganda republicana—Galeria Republicana—

O n.º 40 vem illustrado com o retrato do austero ministro da republica franceza Mr. Challemeil-Lacour, hyographado por Hector Depasse, e o n.º 41 vem illustrado com a photographia do nosso sympathico e talentoso correligionario Gomes da Silva (Francisco) magnificamente hyographado pelo nosso correligionario Feio Terenas.

Os crimes de uma associação secreta, assim se intitula o novo romance que a acreditada empresa Serões Romanticos, de que é proprietario o sr. Luiz Antonio Belem, vai em breves dias começar a publicar. E' seu auctor o festejado romancista francez mr. Xavier de Montepin, auctor dos não menos notaveis romances, *Fiacre n.º 13*, *Doidas de Pariz*, *Mysterios de uma herança*, com que a mesma empresa tem enriquecido a sua selecta colleção de obras uteis e recreativas. O novo romance é de um interesse sempre palpitante e de enredo complicado de modo a satisfazer os mais exigentes d'este genero de leitara. Será tambem acompanhada a acção do romance de magnificos chromos, o que ainda fará realçar mais o referido romance. A empresa distribue tambem a todos os seus assignantes valiosos brindes.

A companhia Fabril SINGER acaba de obter este anno na grande exposição de Amsterdam o grande DIPLOMA DE HONRA, o maior e mais honroso premio que se concede aos expositores, devido aos bellissimos trabalhos que as suas novas machinas de costura de Lançadeira Oscillante e Braço elevado, fizeram durante o feriado da exposição.

Mais de 200 premios que esta companhia tem recebido nas principaes exposições que tem havido.

Ha mais de dois annos que nas grandes fabricas de roupa e sapataria, da America, tem a Companhia SINGER ás 200 d'estas machinas de Lançadeira Oscillante, movidas a vapor, tendo dado sempre um surpreendente resultado, tornando-se pois de solida garantia.

A construcção e as vantagens que apresentam são taes, que supplantam todos os sistemas de machinas de costura até hoje conhecidos.

A companhia tem o privilegio exclusivo por 20 annos e garante a sua nova machina de Lançadeira Oscillante por 12 annos.

Recomendamos pois ao publico que vão examinar para se convencerem da verdade dos depositos que a Compa-

nhia tem em todas as capitaes de districtos, mais solidas, mais bem construidas e mais bem garantidas.

Em Aveiro o unico deposito da Companhia Fabril SINGER é na rua de José Estevão n.ºs 75 a 79 (pegado á Caixa Economica).

E' preciso que o publico não confunda este deposito com outros que por ahi ha vendendo ordinarias imitações.

Cuidado pois com as imitações.

**SUBSCRIÇÃO**

PARA O MONUMENTO DE

JOSÉ ESTEVAM

Transporte.	871:170
João Rodrigues Marques....	:100
Francisco Antonio d'Ascensão	:200
João Antonio da Graça.....	:300
João Antonio Simões dos Reis	:300
Gustavo Ferreira Pinto Basto	9:000
João H. da Fonseca Regalia..	4:300
Zacharias da Naia e Silva...	1:000
Eduardo Placido.....	:300
Joaquim Antonio dos Reis...	:500
Luiz Moreira dos Santos....	:500
Manuel Francisco Leitão.....	:500
Manuel Lourenço Catharino..	:500

Somma 889:700

Realizou-se no dia 1.º do corrente o enterro civil d'um filhinho do nosso correligionario o sr. Joaquim da Silva Oliveira Freitas, official da fabrica de vidros da rua das Gaivotas, em Lisboa.

Na administração do bairro central, Lisboa, foi registado civilmente, no dia 2 do corrente, o nascimento de um filhinho do nosso collega da redacção da *Era Nova*, o sr. Francisco Maria das Neves.

A creança recebeu o nome de Gambelta. Serviram de testemunhas os nossos correligionarios Silva Lisboa e João Monteiro.

No dia 14 do corrente realisa-se, em Almada, o casamento civil do nosso correligionario o sr. Augusto Maria da Silva Junior com a sr.ª D. Maria do Carmo Lopes da Silva. Serão testemunhas os srs. Silva Lisboa e dr. João Victor d'Albuquerque.

Casou civilmente, na administração do concelho dos Olivares, o sr. José de Almeida com a sr.ª D. Getrudes da Piedade.

Foram testemunhas os srs. Joaquim da Silva Jacome e Manuel Antonio Rodrigues.

Acabamos de receber o n.º 4 da excellente publicação trimensal *A Moda*, que nos foi enviado pelos acreditados e distinctos industrias da praça do Porto os srs. Costa Braga & Filhos.

*A Moda* é um jornal nitidamente impresso, e o numero que temos presente é acompanhado de um figurino em phototipia, que nos dá uma perfeita idea dos magnificos productos da *Real e Imperial Chapeleria a Vapor* dos srs. Costa Braga & Filhos.

Agradecemos o numero com que fomos brindados e felicitamos os dignos industrias pela util publicação que offerecem aos seus consumidores—revendedores.

Uniram-se ultimamente pelo matrimonio na capella de Soutello, concelho de Sever do Vouga, o sr. Antonio Tristão Corrêa de Laceda, da casa de Veiroz (S. Pedro do Sul) com a ex.ª sr.ª D. Maria Candida Pacheco Telles, representante e senhora da casa de Soutello.

Ao jovem e sympathico par desejamos e auguramos todas as venturas humanamente possiveis.

**ANNUNCIOS**

PHOTOGRAPHIA

DE

JOSÉ BERNARDES DA CRUZ

RUA DIREITA

Tiram-se retratos todos os dias das 10 horas da manhã ás 4 da tarde.

**Crimes de uma associação secreta**

Ultima e a mais interessante publicação de XAVIER DE MONTEPIN, auctor dos romances: *FIACRE N.º 13* E *MYSTERIOS DE UMA HERANÇA*.  
1.ª Parte—A NOITE DE SANGUE.  
2.ª Parte—O OLHO DE LYNCE.  
3.ª Parte—A MÃE E O FILHO.

Edição ornada com chromos a finissimas côres e com primorosas gravuras. Cada chromo 10 rs, 50 rs. por semana.

BRINDE a cada assignante Réis 100,000 em 3 premios da loteria, um magnifico album com 15 vistas dos principaes monumentos da cidade do Porto, no fim da obra.

Assigna-se em todas as livrarias no escritorio da empresa editora Belem & C.ª rua da Cruz de Pau, 26, onde se dão os prospectos.

**SINGER!**

A MAIS IMPORTANTE COMPANHIA DO MUNDO!

**GRANDE NOVIDADE**

**A COMPANHIA FABRIL SINGER**

apresenta ao publico um magnifico sortido das suas excellentes e mais modernas



DE

**LANÇADEIRA OSCILLANTE**

E' esta a revolução mais completa que tem havido nas machinas de costura; trabalho facil e perfeito.

O pesponto o mais elastico e o mais perfeito.

Para se convencerem da verdade vinde ás casas abaixo indicadas onde se darão todos os esclarecimentos.

ENSINO GRATIS! CONCERTO GRATIS!

500 reis semenaes, e 10 por cento a dinheiro.

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES

COMPANHIA FABRIL SINGER

75, Rua de José Estevão, 79 Pegado ao Edificio da caixa Economica

AVEIRO

52, Largo da Praça, 53

OVAR

N. B. Em Espinho vende-se tambem na casa de Carlos Evaristo Felix da Costa.

**OFFICINA DE SERRALHARIA**

DE

**JOÃO AUGUSTO DE SOUZA**

4---Largo da Apresentação---6

EM

**AVEIRO**

N'esta officina fazem-se portões, grades, lavatorios, fogões, e camas de preço de reis 8\$000 a 1\$400.

**Fabrica de Bolacha e Biscoutos**

AUGUSTO DA SILVA TEIXEIRA  
CONVENTO DA ESTRELLA  
COIMBRA

BOLACHA		BISCOUTOS	
	Kilo		Kilo
D. Luiz.	220 rs.	Limão 1.ª	220 rs.
Franceza 1.ª	230 »	» 2.ª	210 »
» 2.ª	210 »	Canela 1.ª	220 »
Agua e Sal 1.ª	240 »	» 2.ª	190 »
» 2.ª	230 »	Lacinhos	250 »
Leve	210 »	Suissos	400 »
Torrada	240 »	Belgas	320 »
Requife 1.ª	360 »	Paciencias e Marialvas	400 »
» 2.ª	260 »	Linguas de gato	400 »
» 3.ª	220 »	Palitos amendoa 1.ª	360 »
Erva doce	170 »	» 2.ª	320 »
Amores	360 »	Canella	220 »
Pão de Ló		Limão	240 »
» em fatia torrado		Deliciosas	320 »
Pemzinhos	360 »	Estrellas	400 »
Primores	400 »	Corôas a Camões	320 »
Bolo inglez, duzia	200 »	Marquinhas	320 »
		Pauperios e Bisc. Porto	220 »

N. B.—Os preços acima mencionados não tem desconto.

**COMPANHIA**

DAS

**Messageries Maritimes**



A Empresa promotora, por contracto com a dita companhia offerece passagem nos magnificos paquetes francezes a sahirem de Lisboa:—EQUATEUR em 8 de outubro, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos Ayres. GERONDE em 23 de outubro directamente ao Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos Ayres.

A mesa de 1.ª classe é commum para os sr.ªs passageiros de 2.ª. Tracta-se em AVEIRO, Agencia Central, com PAULO DE SOUSA PEREIRA 48—RUA DE JOSÉ ESTEVAM—50

**AS GUERRAS**

DE

**NAPOLEÃO 1.º**

POR

ERCKMANN-CHATRIAN

Obra Premiada Pela Academia Franceza—Um Fasciculo Sémanal de 4 folhas de 8 paginas e duas gravuras 50 réis—Assigna-se no escritorio da Empresa de Romances Illustrados rua da Fabrica, 66—Porto, e em todas as livrarias e Kiosques.

Acceptam-se correspondentes nas diversas terras do reino.

**Vinho de Bucellas**

No Restaurante do THEATRO AVEIRENSE, que se acha aberto todos os dias, das 3 horas da tarde até á meia noite encontram-se á venda, alem de outras bebidas, excellentes vinhos do Porto e de Bucellas, sendo estes antigos, e pertencentes á Quinta da Romeira, propriedade que foi do fallecido sr. Marquez de Castello Melhor.

Tem tambem á venda tabacos das principaes fabricas, doce e outros artigos. Preços Commodos.

**AMA DE LEITE**

Quem precisar de uma ama, com 19 annos de idade, e nas melhores condições para amamentar creanças, dirija-se a esta redacção onde se prestam todos os esclarecimentos.

**NOVIDADE LITTERARIA**

**ONDEANTES**

(primeiros versos)

POR

**ALBERTO BESSA**

A sahir brevemente

**ATENÇÃO**

João Antonio da Graça, acaba de receber um grande sortido de balões venezianos, assim como uma grande colleção de bandeiras, as quaes aluga por preços muito commodos.

O mesmo annunciante se encarrega da collocação de iluminação nos arraiaes, assim como adornamentos de ruas.

Aveiro, Rua de José Estevão n.º 24.